

Luciana Ballestrin¹

RESENHA

Uma consciência pós-colonial para a América Latina

¹ Luciana Ballestrin é Professora Associada de Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas e Bolsista de Produtividade 1C do CNPq.

Há muitas razões para saudar a publicação de “Entre Ariel, Caliban e Próspero: dilemas da identidade (latino) americana pensados a partir do Brasil”, tese de livre-docência defendida em 2021 por Bernardo Ricupero, professor titular do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP), pesquisador e estudioso destacado do pensamento brasileiro e latino-americano. Transitando pela história das ideias e dos conceitos, história intelectual e diplomática, crítica cultural e literária, pensamento social e político, sociologia e filosofia, o autor oferece a diferentes públicos e comunidades de interesse um livro com rigor investigativo, fôlego interpretativo e enredo convidativo. Em tempos de produtivismo científico infecundo, a obra de Ricupero explora de maneira profunda e original o persistente problema da identidade latino-americana, combinando a seu modo, orientações metodológicas diversas². Este exercício revela sua habilidade particular em transitar nas diferentes formas de “pesquisar em pensamento”, anulando problemáticas hierarquias e diferenciações entre esse e o conhecimento teórico e filosófico. É a erudição – e não a revisão sistemática de literatura tão em voga nas ciências sociais – que lhe garante êxito, além da própria imponência do material empírico sobre o qual se apoia.

Com Prefácio da historiadora e professora emérita da USP Maria Lígia Coelho Prado, o livro está organizado em quatro partes (Antecedentes; O Momento Ariel; O Momento Caliban; O Momento Próspero) que comportam oito capítulos (todos contendo uma importante sistematização final, dado o volume de referências, informações e detalhes), afora a Introdução e as Considerações Finais. O objetivo geral do livro é compreender o lugar do Brasil na formação de uma identidade latino-americana, elegendo um texto particularmente profícuo para pensá-la: *A Tempestade*, de William Shakespeare (2022).

Encenada pela primeira vez em 1611 na Inglaterra, essa peça teatral tem um poder poético que reside “na sua capacidade de sugerir significados, de criar e ocultar espaços na confluência de linguagem e pensamento” (BOTELHO, 2022, s/p), sendo “uma obra sobre mundos que se entrecrocavam e se misturavam; uma peça em que identidades se perdem, se reencontram e se transformam (...)” (Ibid., s/p). No caso do livro de Ricupero, a própria recepção e circulação da peça nas Américas, através da reinterpretação e resignificação de seus personagens ao longo do século XX, agrega-lhe outros níveis de curiosidade e descoberta.

Para isso, Ricupero elege três textos principais que informarão cada “Momento” do livro: Ariel, influente ensaio do escritor uruguaio José Enrique Rodó de 1900; Caliban, ensaio do poeta e pensador cubano Roberto Fernández Retamar de 1971; e, O espelho de Próspero, livro do acadêmico latino-americanista Richard Morse de 1982. A análise de cada

² Ao longo do livro, diferentes autores e procedimentos metodológicos são mencionados. Assim, encontramos apoio em Foucault para pensar o discurso; Kristeva para a intertextualidade; Skinner para o contextualismo; Koselleck para a história das ideias. A inspiração em Pocock é sugerida no Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado e reiterada por André Botelho (2025, s/p), para quem “Bernardo Ricupero é, sem dúvida, o intelectual brasileiro da nossa geração melhor preparado e equipado para lidar com questões das interpretações latino-americanas”.

uma dessas obras funciona como “pré-texto” para mergulhar nos meandros de certa história cultural latino-americana e suas intertextualidades, inserindo-as nos contextos políticos e ideológicos que contingenciam os sentidos das identidades nacionais e regionais americanas projetadas à altura.

A partir da segunda metade do século XIX, a própria construção da ideia de uma América “Latina” em contraposição à América “Saxã” indica a dinâmica relacional e antagônica da região diante os Estados Unidos – pós-colônia irmã, rapidamente lançada à condição de império no século XX. Por isso, a metáfora especular, mobilizada por Morse e por Ricupero em suas Considerações Finais, é apropriada: utilizada com frequência para trabalhar o processo de constituição de identidades coletivas – ao refletir o outro em um si invertido –, há que se compartilhar, porém, um fundamento capaz de possibilitar “o reconhecimento da unidade na diferença” (MITRE, 2003, p. 30). Poderíamos dizer, então, que o colonialismo europeu é este fundamento, parcialmente superado pelos vizinhos do Norte.

Buscar apreender a constituição e a transformação ao longo do tempo da “identidade latino-americana” é tarefa corajosa pela unidade e natureza do “sujeito” que esta própria identidade projeta: não estamos falando de indivíduos ou de grupos, mas de uma região continental, envolvendo diferentes espaços geoculturais, com múltiplas posicionalidades internas e externas. Há, portanto, aspecto geopolítico importante quando a “referência a Ariel foi decisiva no estabelecimento de uma identidade latino-americana” (RICUPERO, 2024, p. 34), a qual pouco contou com a participação brasileira. O “Momento Ariel” compreende grande parte do livro, sendo apoiado, assim como o posterior “Momento Caliban”, por uma rica variedade de fontes primárias. Ele é particularmente importante por abordar o contexto no qual *A Tempestade* e suas personagens chegam ao continente, impactado pela Guerra Hispano-Americana de 1898 e pelo nascente imperialismo estadunidense.

Lembremos que na peça de Shakespeare, o protagonismo se deve a três personagens principais: Próspero, duque de Milão, traído pela conspiração do irmão e exilado com sua virginal filha Miranda; Ariel, ser fantástico que comanda espíritos menores; Calibã, criatura de humanidade duvidosa por suas formas e atitudes, filho da diabólica bruxa Sycorax, oriunda de Argel e a quem pertencia a ilha na qual todos se encontram. Dotado de poderes mágicos, é Próspero provoca a tempestade responsável pelo naufrágio que levará seus desafetos até a ilha. É Ariel, seu leal servo que o auxilia; mas, tanto ele quanto Calibã aspiram a liberdade da tirania de Próspero. Considerando-se como o único herdeiro da ilha, é Calibã quem investe contra o poderio de Próspero, tentando inclusive violar sua filha.

O poder sugestivo da peça é fundacional da modernidade/colonialidade: a ilha desconhecida, o escravo selvagem, a estranheza do ambiente com seus sons, rumores e vozes. São vários os elementos contidos em *A Tempestade* que sugerem sua relação com a conquista do Novo Mundo, havendo aproximações possíveis entre a ilha e o Brasil, América do Sul ou Caribe (BOTELHO, 2022). Não por acaso, a peça se prestou a muitas leituras terceiro-mundistas e anticoloniais, as quais

convocaram a revolta de Calibã contra seu amo ilegítimo. Já ainda nos Antecedentes, Ricupero aborda algumas interpretações contemporâneas – chamadas pelo autor em diferentes momentos de “americanistas”, “proféticas”, “pós-estruturais” e “pós-coloniais” – para problematizar a associação da peça com o colonialismo. Dessas contribuições, ele retém a crítica sobre a ausência de trabalhos que explorem questões de gênero e sexualidade, uma vez que as duas personagens femininas da peça (Miranda e Sycorax) raramente ganharam atenção nas inúmeras análises que a peça recebeu.

Ricupero, no entanto, demonstra que as primeiras reconstruções da peça foram bastante distintas. Antes de aportar na América, suas personagens já haviam sido mobilizadas metaforicamente para lidar com o contexto político reacionário à Comuna de Paris de 1871. Já quando chegou à América Latina, o contexto era o de desconfiança em relação aos Estados Unidos, associados a Calibã pelo crítico franco-argentino Paul Groussac e poeta nicaraguense Rubén Darío. A “ideologia do latinismo” convocava a influência da velha Europa contra a agressão anglo-saxã. Foi Rodó quem ofereceu uma leitura de grande influência na região, tendo a peça lhe chegado através da releitura aristocrática do orientalista ortodoxo Ernest Renan. Ariel foi escrito para interpelar a juventude latino-americana contra o perigo norte-americano, sendo os Estados Unidos associado ao materialismo, utilitarismo e democratização. Antonio Mitre (2003, p. 110) localiza a produção do opúsculo de Rodó no conflito entre tradição (“mentalidade *criolla* de raízes agrárias”) e mudança (“consciência cosmopolita emergente”), ocasionado pelo conjunto de transformações que atravessavam as sociedades do Prata. Ativadas pelos fluxos migratórios, essas realidades oligárquicas e caudilhescas iniciavam lentamente sua transição para a moderna sociedade de massas (Ibid.). Rodó, assim, teria buscado construir uma posição sintética e intermediária dos dilemas que o livro suscitou: utilitarismo *versus* idealismo; democracia *versus* aristocracia (MITRE, 2003; RICUPERO, 2024). No seu livro, a representação para o continente ficou ao cargo de Ariel, simbolizando espiritualidade e idealismo, enquanto a figura conciliadora de Próspero representaria certa “elite do espírito”, posteriormente materializada na geração arielista (RICUPERO, 2024, p. 82). Rodó foi o primeiro de uma cadeia de pensadores latino-americanos a destacar uma espécie de virtuosidade do atraso, em comparação com as sociedades ditas desenvolvidas. Segundo Rotker (1994, p. 212), a América Latina como “reservatório mundial da imaginação e a criatividade literária ou artística em geral (tradução nossa)” é uma representação cultural muito presente no imaginário latino-americanista.

Ciente da força do livro Ariel e de sua relação para a formação da identidade latino-americana, Ricupero prossegue explorando sua repercussão e formação do arielismo no continente. Reconstroi a história editorial de sua circulação, passando pelo Caribe e Espanha, sendo publicado somente mais tarde no Brasil (em 1933). Foi no México pré-revolucionário (*Ateneo de la Juventud*) e no Peru do oligárquico partido civilista (*Generación del Novecientos*) onde gerações de arielistas foram identificadas. Naquele período, o latino-americanismo possuía ainda ares eurocêntricos, alimentado por vários escritores latino-americanos

residentes em Paris que davam vida à *La Revista de América*. Apesar da barreira linguística do português, Ricupero observa a presença de escritores brasileiros na revista, tais como Oliveira Lima, José Veríssimo, Sylvio Romero e Graça Aranha. A noção de “Iberoamérica” era auxiliar para a relativização das diferenças políticas e culturais da colonização espanhola e portuguesa.

Como contraponto a esta conformação ilustrada, muita influenciada pelo modernismo, Ricupero traz a importância do poeta cubano Jose Martí e de seu *Nuestra América* para indicar um entendimento alternativo e revolucionário da emergente identidade latino-americana. Sarmiento seria seu interlocutor direto quando o poeta afirmava: “não há batalha entre a civilização e a barbárie” (RICUPERO, 2024, p. 95). Segundo Mitre (2003, p. 45), em Facundo, “o passado colonial reveste-se, (...), de uma condição trágica: por um lado é o conteúdo da consciência subjetiva e, por outro, o fundamento que deve ser negado para se ter pleno acesso ao mundo da razão civilizada”. Neste sentido, Facundo poderia ser entendido como uma espécie de testemunho do “equilíbrio precário que implica o acesso à condição moderna” (Ibid., p. 46). Contudo, será somente com Martí que as populações marginalizadas por este processo virão à tona pela primeira vez (as figuras do índio, negro, camponês). Ainda que como expressão do “reacionarismo”, “aristocratismo” e do “romantismo anticapitalista” nas palavras de Ricupero, conclui-se que o arielismo foi especialmente importante para construir uma identidade latino-americana, estabelecendo primeiramente seu outro constitutivo com os Estados Unidos. Esta relação antagônica atingirá outro patamar conforme o anti-imperialismo for ganhando contornos ideológicos mais claros no continente – por exemplo, com a heterodoxia socialista do peruano José Carlos Mariátegui. É ele quem elevará a subalternidade indígena ao protagonismo revolucionário.

Mas, não foi só a diferenciação ou o distanciamento que marcaram a relação entre as Américas Latina e a Saxã. Pelo contrário, o Brasil desempenhou papel distintivo na neutralização do poderio estadunidense na virada do século XIX para o XX. Com o advento tardio da República no país e seus turbulentos anos posteriores, Ricupero demonstra a crescente necessidade de o país se posicionar em algum lugar nas/das Américas. Ao fim, o lugar do Brasil foi um “entre lugar”; figuras representativas como Eduardo Prado, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, Manuel de Oliveira Lima e José Veríssimo nutriam “um fascínio e temor pela democracia norte-americana e pelo caudilhismo hispano-americano” (RICUPERO, 2024, p. 135). Além disso, a posição internacional dos Estados Unidos, cada vez mais proeminente, oferecia um contrapeso aos apetites intervencionistas da velha Europa. Para o autor (Ibid., p. 169), se na literatura havia idealismo, na diplomacia e no Direito era o realismo que se apresentava.

O livro ainda apresenta e analisa interessantes documentos da III Conferência Pan-Americana de 1906 ocorrida no Rio de Janeiro, ocasião especial para a evidência e condensação de posições contrastantes sobre o perigo norte-americano. Na época exitosa da política externa do Barão de Rio Branco (1902-1912), o pan-americanismo possuía mais adeptos do que seus críticos latino-americanistas. Ideologia nascida na I Conferência dos Estados Americanos em Washington (1889/90), tal pan-americanismo era

uma iniciativa dos Estados Unidos e reivindicava o monroísmo, desconsiderando as iniciativas *criollas* e hispânicas do século XIX. Esta foi a doutrina que em alguma medida teria acabado por preservar a América Latina do imperialismo europeu no período. Diferentemente da Argentina e do Chile, que mantinham uma tônica latino-americanista para suas políticas externas, o Brasil da diplomacia de Rio Branco era amistoso com os Estados Unidos, em uma estratégia de aliança defensiva. À semelhança de José Martí, Ricupero não deixa de mencionar o “contra-discurso” oferecido pelo médico sergipano Manuel Bonfim na construção de um latino-americanismo mais radical. Embora tenha utilizado a categoria de parasitismo e outras oriundas da biologia, algo típico da época, ele teceu críticas dissonantes ao racismo científico e a colonização ibérica. Em diversas passagens do seu livro, Ricupero dá pistas sobre os entendimentos no período acerca do despontar da democracia de massas e do uso comum de uma linguagem mobilizadora da ideia de raça(s).

O México pré e pós revolucionário ganha atenção importante na obra, não somente para trabalhar a difusão do arielismo, como para situar a importante trajetória pública – política e intelectual – de José Vasconcelos, autor de *A raça cósmica* de 1925. Contendo relatos de sua viagem pela América do Sul, uma imagem idealizada do Brasil e uma introdução filosófica sobre a noção de mestiçagem, o livro trabalha a ideia de uma quinta raça mestiça, representativa da América Latina no repertório universal dos povos. Nos anos 1990, momento em que o pós-modernismo, o pós-colonialismo e os estudos culturais foram recepcionados na América Latina, o já clássico livro do filósofo colombiano Santiago Castro-Gómez (2011, s/p) argumenta que o modernismo arielista de José Enrique Rodó, José Vasconcelos e Alfonso Reyes foi responsável por criar uma “mitologia da razão latino-americana”. Na comum percepção da América Latina como síntese e como utopia, há admiração pelos gregos e condescendência com os latinos, resultando em “uma exotização da América Latina, (...), uma apresentação colonial gerada não pelos colonizadores europeus, mas pelos próprios intelectuais latino-americanos (Ibid., s/p, tradução nossa)”. Assim, ainda que a construção da identidade latino-americana fosse uma resposta ao imperialismo dos Estados Unidos, “paradoxalmente, a proclamação estética de tal identidade cultural supunha a reativação de velhas figuras coloniais” (Ibid., s/p), já que “a ideia do continente mestiço no qual os opostos se reconciliam, continuava funcionando como um discurso colonial no qual populações como os negros e os índios aparecem como disfuncionais no processo de humanização da humanidade (Ibid., s/p, tradução nossa)”. Ainda na crítica pós-moderna de inspiração foucaultiana de Castro-Gómez, ao reduzir as diferenças culturais a um mestizismo ou indigenismo romantizado, tal sensibilidade modernista teria preparado o terreno para os regimes nacionalistas e populistas que surgiram posteriormente na América Latina dos anos 1930.

Talvez imbuído desta intuição, Ricupero aporta nos anos 1920 do Brasil para mergulhar na produção cultural do sudeste do país, especialmente São Paulo. Os diferentes manifestos culturais (*Poesia Pau Brasil*, *Antropófago* e *Nhanguaçu* ou *Verde-Amarelo*) produzidos no período e o movimento da Antropofagia uniram o país à vanguarda da discussão

latino-americana sobre originalidade e valorização cultural. Se em um primeiro momento a estratégia de diferenciação fora com os Estados Unidos, assumindo a latinidade e sua carga eurocêntrica, após a primeira Guerra Mundial a afirmação da mestiçagem seria uma contraposição à própria Europa. Tratando da Semana da Arte Moderna de 1922 e seus desdobramentos, o autor observa como o mito propositalmente criado por José Vasconcelos foi recebido pela ala mais à direita do modernismo brasileiro, com destaque para Plínio Salgado, futuro articulador da Ação Integralista Brasileira.

Como movimento de vanguarda cultural, a Antropofagia têm merecido novas leituras, informadas principalmente pelo pós-colonialismo. São vários os elementos lá presentes que as autorizam: certa estratégia desconstrutivista; o descentramento das identidades essencializadas; a desestabilização epistemológica; a contestação da cultura ocidental e a mentalidade colonial; a crítica à modernidade e à Europa; a ressignificação do canibalismo enquanto ato de resistência, criatividade e fundação do Brasil (CAVALCANTI, 2021; RICUPERO, 2024). Lembremos que para Oswald de Andrade era preciso “descolombizar a América” e “descabralizar o Brasil”. A ironia, o humor, a paródia e a transgressão provocavam a cultura erudita e ensimesmada. Apesar da impossibilidade de representação do subalterno, em referência explícita à Spivak, Ricupero não deixa de notar o sentido democrático dos modernistas brasileiros em harmonizar a língua escrita e falada, bem como a valorização da própria cultura popular. Convocando o objeto do livro, o autor recupera a crítica feita ao poeta cubano Roberto Fernández Retamar pela ausência da Antropofagia brasileira em seu clássico ensaio *Caliban* de 1971 – ela foi notada pelo uruguaio Emir Rodríguez Monegal poucos anos após sua publicação.

As revistas culturais são fontes primárias fundamentais em quase toda obra de Ricupero, o que lhe permitiu verificar a existência de muitas intertextualidades naquele contexto terceiro-mundista. Em tal conjuntura, a personagem desfigurada e rebelde de Shakespeare foi reivindicada para representar tanto o latino-americano, como o negro – este último, assumindo a estima da negritude. O contexto anticolonial francês dos anos 1950 pavimentou a estrada percorrida por Aimé Césaire até sua releitura da peça de Shakespeare, um pouco antes de Retamar. No Brasil, a peça de Augusto Boal foi prefaciada por Darcy Ribeiro, mas teve pouca repercussão. Segundo Ricupero, o pertencimento do Brasil no conceito de América Latina é hoje indiscutível, mas tal associação foi se tornando mais nítida somente a partir da Revolução Cubana, já que ela foi artífice de uma ressignificação do latino-americanismo construído nas décadas anteriores. Muitos brasileiros se passaram a entender como latino-americanos na experiência do exílio das ditaduras civis-militares durante a Guerra Fria. Por fim, o “Momento Próspero” corresponde ao último capítulo do livro, dedicado a analisar a recepção mexicana e brasileira do livro “O espelho de Próspero”, escrito pelo latino-americanista Richard Morse, ao longo dos anos 1980. Na obra, a tradição ibérica tomista seria uma chave importante para compreender o ingresso do continente na modernidade, bem como sua diferenciação com os Estados Unidos (e seu atomismo) – país do público-alvo que Morse tinha em mente atingir, sem sucesso.

Por todas essas razões, o livro de Bernardo Ricupero merece ser lido e relido, na medida em que dispõe de uma riqueza detalhada de “mediadores culturais”, referências e interpretações sobre a formação da identidade brasileira e latino-americana (“rotas paralelas que acabam por convergir”). Formada a partir de um acúmulo de muitos anos de investigação e leituras, a narrativa habilmente transita por diferentes contextos históricos, políticos e culturais, demonstrando intertextualidades surpreendentes em seus materiais, comparando interpretações e evitando leituras irresponsavelmente anacrônicas.

Ainda que não nestes termos, Ricupero nos demonstra que a construção discursiva da identidade latino-americana, marcada pela contingência, incompletude e indeterminação como qualquer outra, deu-se na medida em que o antagonismo em relação aos Estados Unidos foi afirmado e reafirmado. Neste sentido, não deixa de ser sintomático que após seu alargamento, o conceito tenha alcançado um certo esgotamento justamente no final da Guerra Fria. Seria o caso de nos perguntarmos se a América Latina ainda hoje é capaz de estabelecer antagonismos e articular diferenças, enfim, de produzir identidades.

Desde o século XIX, a história da construção do pensamento brasileiro e latino-americano é, sob determinado ângulo, a própria história da formação de uma consciência pós-colonial no continente. Prova desta afirmação é a autorreflexividade sobre a colonização ibérica enquanto fundação e destino, em muitos de seus clássicos e ensaísmo característico. O livro de Ricupero é contribuição valiosa para este entendimento, assim como para demonstrar que o problema colonial é constitutivo da formação da identidade latino-americana, não sendo novidade por estas bandas orientais. A novidade certamente está no protagonismo dos sujeitos e nas formas que hoje esta consciência pós-colonial se expressa e se manifesta, não necessariamente projetada em uma única identidade latino-americana. Resta saber se esta transformação esbarra ou transborda os limites políticos do enquadramento identitário em chave pós-fundacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTELHO, André. **E depois de A Tempestade?** Disponível em: <<https://blogbvps.com/2025/04/25/resenha-e-depois-de-a-tempestade-por-andre-botelho/>>. Acesso em 12 Nov 2025.

BOTELHO, José Francisco. **Apresentação**. In: SHAKESPEARE, William. *A Tempestade*. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2022. E-book.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **Crítica de la razón latinoamericana**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana/Instituto Pensar: 2011. E-book.

CAVALCANTI, Flávia. **Pensando as Relações Internacionais a partir da periferia: antropofagia e perspectivismo ameríndio**. In: TOLEDO, Aureo (org). *Perspectivas Pós-coloniais e Decoloniais em Relações Internacionais*. Salvador: Editora da Eufba, 2021.

MITRE, Antonio. **O dilema do centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ROTKER, Susan (org). **De Bello a Gonzalez Prada: Ensayistas de Nuestra America**. Tomo II. Buenos Aires: Editorial Lousada, 1994.

SHAKESPEARE, William. **A Tempestade**. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2022. E-book.